

Da água ao alimento: tecnologias que transformam a produção de Aricélia e Jonas em Pitombas

Na comunidade Pitombas, em Campo Alegre de Lourdes, a história de Aricélia Pereira, 40 anos, e de Jonas Alcântara, 45, é construída no dia a dia, com muito trabalho e parceria. Jonas nasceu e se criou na comunidade. Já Aricélia veio de Caracol, no Piauí, mas vive ali há 23 anos. Foi em Pitombas que eles criaram os três filhos, sempre dividindo a lida com a casa, a roça e o quintal. Juntos produzem alimentos que ajudam a sustentar a família. “Quando um não pode, o outro vai e faz. A gente vai se ajudando”, conta Aricélia.



Auricélia e seu esposo no quintal agroecológico, fortalecendo juntos a produção e o cuidado com a terra.

A rotina começa cedo com os cuidados com a horta. Tem os dias de ir pra roça, tem os dias de ir colher. Jonas ainda faz serviços de diárias fora da propriedade, mas o foco mesmo é o trabalho na própria terra. A produção da família é diversa. No quintal e na roça, cultivam alimentos como abóbora, banana, laranja, limão, acerola, feijão, milho e várias hortaliças, como alface, couve, cheiro-verde, pimentinha e tomate. Parte dessa produção garante o consumo da família e a outra parte é destinada à venda. Mas nem sempre foi assim. Antes de ter acesso às tecnologias de captação e armazenamento de água, como a cisterna de primeira água e o barreiro, a realidade era bem mais difícil. Para garantir o básico dentro de casa precisavam buscar água longe. Às vezes tinham que ir buscar água na cabeça, ou na bicicleta, para encher um tambor e trazer para casa, lembra a família.

A mudança começou quando algumas tecnologias chegaram até a família, através de projetos que passaram pela comunidade. A cisterna garantiu água para beber e cozinhar e o barreiro passou a contribuir para a produção. “Se a gente tiver água e continuar cuidando, sempre tem como produzir”, Auricélia conta. Isso permitiu ampliar o plantio e fortalecer o quintal. O sistema para reúso de águas “cinzas” e o minhocário, ambos implantados com apoio do SASOP, potencializaram ainda mais a produção de alimentos agroecológicos por parte da família. A água de reúso consiste no tratamento e reaproveitamento da água utilizada na casa para o quintal, garantindo a produção de frutíferas, tanto para a alimentação da família quanto para a comercialização, e também para a produção de forragem para os animais mesmo em tempo de estiagem. Já o minhocário passou a ser utilizado para a produção de húmus, um adubo natural que fortalece o solo e contribui para o cultivo das hortaliças.



Auricelia em seu quintal agroecológico



Beterrabas crescendo no canteiro

Com mais água e orientação técnica, a produção foi sendo ampliada, o que possibilitou à Aricélia participar do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), programa do Governo Federal que compra da agricultura familiar para a alimentação dos alunos em escolas públicas do município. A agricultora já possuía uma produção organizada e ter experiência em comercialização por vender na feira agroecológica.

Foi assim que, entre 2021 e 2022, Aricelia fez parte de um dos primeiros grupos da região a acessar o programa. “No começo, era tudo novo. Mas aos poucos foi dando certo, a gente foi aprendendo. Hoje é uma ajuda muito grande para nós”, afirma.

A experiência não ficou só com eles. A participação da agricultora incentivou outras pessoas da própria comunidade. Hoje, mais três agricultores da comunidade comercializam pelo PNAE. Atualmente, essa é a principal forma de venda da família. Em 2025, comercializam R\$12.935,33 em alimentos para o programa. Além disso, eles também seguem vendendo na própria propriedade quando alguém procura. “Quando tem produção, sempre aparece alguém pra comprar aqui em casa”, diz a agricultora.



As laranjas se desenvolvendo no quintal

Entre os alimentos que saem do quintal para a escola estão as frutas, as hortaliças e os produtos da roça, como alface, couve, cheiro-verde, milho, abóbora, banana, acerola, entre outros. “Agora a gente já sabe que tem aquele compromisso. Aí a gente se organiza mais pra produzir”, comenta Jonas. Hoje, o quintal não é só um espaço de produção. É também um lugar de troca e de aprendizado, recebendo intercâmbios municipais de agricultores para conhecer a experiência. É assim que a família segue, trabalhando, aprendendo e fazendo da terra um jeito de viver.